

METÁFORAS IDENTITÁRIAS DAS MIGRAÇÕES: PRIMEIRAS PISTAS

Maria Bernadette Velloso Porto
UFF/CNPQ

Exilados, todos nós o somos, como emigrados¹
que queimaram suas embarcações. Não
encontraremos nunca intacto nosso passado, nem
tampouco os campanários míticos de nossa
infância (...)

(Jacques Hassoun)

Ao analisar "artes de fazer" responsáveis pela invenção do cotidiano, Michel de Certeau (1990, p. 170) sugere um paralelismo produtivo entre o conceito de metáfora e a idéia de movimento. Segundo ele, em Atenas, os transportes coletivos são chamados de *metaphorai*, o que o leva a dizer que, lá, para se ir da casa para o trabalho ou vice-versa, pega-se uma "metáfora", elemento corriqueiro na vida da população. Permitindo-nos pegar uma carona no trem, ou melhor, na leitura da metáfora proposta pelo autor de *L'invention du quotidien* - lembraríamos que, se "toda narrativa é uma narrativa de viagem, uma prática do espaço" e se "as narrativas cotidianas ou literárias são nossos transportes coletivos" (DE CERTEAU, 1990, p. 171), em se tratando de obras iluminadas pela perspectiva das migrações, a própria noção de identidade se aproxima das noções de trânsito e passagem.

Enquanto figura privilegiada das travessias e das transferências de sentido, a metáfora ocupa um lugar de destaque em textos migrantes, onde aponta frequentemente para os movimentos do devir identitário, visto como experimentação de múltiplas possibilidades do ser.

¹ Em francês, a palavra empregada por Hassoun é "transhumants", onde etimologicamente se reconhecem, vindos do latim, "trans"("para além de") e "humus"(terra). A "transhumance", adotada, em geral, para designar a emigração dos rebanhos, durante o verão, da planície para as serras, assume aqui um valor metafórico, sugerindo as grandes levas migratórias que se deslocam, em condições nem sempre dignas, para além das fronteiras de sua terra.

Para melhor justificarmos a pertinência da escolha de nosso assunto, fomos buscar o depoimento de um escritor migrante que também teoriza sobre o sentido simbólico da emigração:

(...) a emigração nos oferece também a mais rica metáfora de nossa época. A própria palavra *metáfora*, com suas raízes gregas *levar através*, descreve uma espécie de emigração, a das idéias em direção às imagens. Os emigrados - homens levados através - são seres metafóricos na sua própria essência, e a emigração, vista como metáfora, está em toda parte em torno de nós. Todos nós atravessamos fronteiras; num sentido, somos todos emigrados. (RUSHDIE, 1993, p. 307-308)

Ao reconhecermos, com Salman Rushdie, os vínculos entre metáfora e migração, admitimos que a leitura do eixo metafórico no imaginário migrante representa um viés promissor que mereceria um estudo atento, centrado no confronto de textos diversos, nascidos em diferentes contextos e que recriam, no plano da ficção, experiências plurais de movências identitárias a partir de um leque de metáfora recorrentes. Isso confirmaria o pensamento de Borges, para quem há, na poesia universal, um número relativamente reduzido de metáforas, muitas vezes até "surradas pelo uso", cabendo aos poetas, pelo seu poder inventivo, criar variações quase infinitas das mesmas (BORGES, 2000, p. 41).

Nas reflexões que se seguem, anunciaremos pistas - a serem aprofundadas e alargadas em futuro ensaio - sobre algumas metáforas presentes no imaginário das migrações, que afloram em textos literários e críticos. Em sintonia com nosso Projeto Integrado "Babel² revisitada: a representação de umapoética das línguas nas Américas" (CNPQ), daremos realce sobretudo à chamada literatura migrante do Quebec - que abalou as certezas da "identidade quebequense", fundamentada na idéia de homogeneização - e a textos produzidos no Brasil sob a luz da imigração. Para ressaltarmos a atualidade dos estudos sobre as migrações pós-coloniais, serão

² Por uma questão de falta de tempo, não procederemos aqui à análise desse mito bíblico em textos migrantes, que privilegiamos em outras ocasiões (publicações e participação em congressos). Da mesma forma, deixamos de lado um rico repertório de metáforas a ser estudado em futuros ensaios.

feitas referências a escritores contemporâneos que muito contribuem para a análise dessa questão, como Salman Rushdie, Amin Maalouf e Milan Kundera, conhecedores da vivência da desterritorialização e das ambigüidades do entre-dois.

Poderíamos começar nossas breves considerações por uma metáfora em especial: a representação da construção identitária migrante como uma espécie de livro³ (livro que se lê e que se escreve). A esse respeito, são reveladoras as colocações do escritor e ensaísta Amin Maalouf que se reconhece por seus múltiplos pertencimentos, dentre os quais se sobressai sua condição híbrida de libanês-francês. Para ele, a imigração pode ser lida a partir de duas concepções extremas: a) a que considera o país que acolhe o imigrante como uma página em branco onde cada um poderia escrever o que quisesse, ou ainda, como um terreno baldio onde cada um poderia se instalar de mala e cuia, sem abdicar de seus gestos e hábitos; b) a que vê o país onde vive o imigrante como uma página já escrita e impressa, cabendo-lhe abrir mão de leis, crenças e características culturais (MAALOUF, 1998, p. 56). Após ter salientado os inconvenientes dessas duas concepções, Maalouf admite que "o país que acolhe o imigrante não é uma página em branco, nem tampouco uma página pronta, mas sim, uma página que está sendo escrita" (MAALOUF, 1998, p. 57), o que valoriza o caráter inacabado do processo identitário e da própria noção de cultura.

No romance *Nur na escuridão*, de Salim Miguel, um imigrante libanês instalado no Brasil há algumas décadas descobre, com o passar dos anos, a necessidade de registrar a trajetória de sua vida. Sentindo-se, com a aproximação da velhice, mais preso a seu passado, escreve num

³ É de particular interesse o vínculo que determinados personagens imigrantes estabelecem com o livro. No conto "A prédica" de Meir Kucinski, o mascate exerce seu ofício sempre com um livro debaixo do braço, agarrando-se intencionalmente a ele como "secreto sinal de seu passado, de seu eu" (KUCINSKI, 2002, p. 176) e como forma de escapar à humilhação cotidiana de seu trabalho.

caderno suas memórias em árabe, e recomenda a seus filhos para que eles procurem um tradutor, após sua morte, a fim de que eles possam ter acesso à escrita de sua vida (MIGUEL, 1999, p. 160). Ao insistir na relevância da tradução (p. 158: "o homem que sabe mais que um idioma, sabe mais um pouco de tudo (...)"), o mesmo personagem parece tornar suas palavras de Salman Rushdie:

Etimologicamente, a palavra "traduzir" vem do latim "traducere", "levar além". Tendo sido levados além do lugar de nosso nascimento, somos homens "traduzidos". Admita-se, em geral, que se perde algo na tradução; obstino-me em pensar que se pode aí também ganhar alguma coisa (RUSHDIE, 1993, p. 28).

Associada, como a metáfora, aos movimentos da transferência de sentidos, a prática tradutória em textos migrantes participa diretamente dos trânsitos interculturais e das mediações e negociações entre representantes de comunidades culturais distintas, sugerindo, ainda, a idéia de inacabamento. No romance *Nur na escuridão*, a inscrição de efeitos de tradução evoca, muitas vezes, a criação de uma "terceira língua", nascida no roçar inventivo de idiomas diferentes. Assim, após certo tempo no Brasil, o personagem libanês Yussef passa a também ser designado pelo nome de José e, como se não bastasse a tradução de seu nome para o português - o que confirma sua identidade hifenizada (LESSER, 2001) - o mesmo personagem é chamado de Yusef por sua mulher ("Yusef, mistura de Yussef e José"- MIGUEL, 1999, p. 53).

Em outra passagem do romance de Salim Miguel, a memória desse personagem "traduzido" se organiza, em parte, sob a forma de um palimpsesto, graças à superposição de várias camadas temporais, remetendo-nos também à idéia de "pátrias imaginárias" (RUSHDIE, 1993, p. 20), que sugere a capacidade fabulativa de autores migrantes que, ao invés de retratarem em seus textos cidades ligadas a suas histórias particulares, inventam pátrias invisíveis, inexistentes, nascidas do entrecruzamento do vivido e da ficção:

Sozinho ou rodeado pelos seus, pouco importava, perdia-se em reminiscências, confundia-se. De repente, não era apenas o seu Líbano dos tempos de criança e adolescente que lhe surgia íntegro, era todo o mundo árabe que lhe tomava o peito de orgulho, mescla de vários mundos árabes, era o Líbano de muito antes dele, um Líbano que nem existira como tal, era um fabuloso país retirado de livros, das histórias, de narrativas orais, era um Líbano de antes do Líbano (MIGUEL, 1999. P.163).

Nesse exemplo, a reconstrução ficcional do país de origem supõe a mistura de várias experiências, o embaralhamento do vivido e do rememorado e a idéia da acumulação de vários tempos, distribuídos no eixo da verticalidade. Ao invés de ser mostrado como um ponto distante que teria permanecido intacto no passado, o Líbano é revisitado simbolicamente pelo personagem que o mostra como paisagem afetiva capaz de ser escrita e reescrita sem cessar.

Dialogando com a representação da memória ou da identidade em aberto como livro/caderno que se (re)escreve ou se (re)lê, outra metáfora pode ser evocada: a do passaporte. Aos olhos de Régine Robin, "a cultura faz explodir todos os dispositivos de enraizamento. Ela é uma travessia sem passaporte e sem visto"(ROBIN, 1993, p. 218). Para ela, as identidades não podem mais ser delimitadas por fronteiras, o que corresponde à necessidade de se sair do étnico, como aparece no título de um de seus ensaios. Ao refletir sobre a crise da noção de identidade - que não exclui a existência de conflitos étnicos - Robin reivindica, a partir de sua situação migrante, a posição do "hors-lieu", que corresponde às desafiliações identitárias e às desapropriações culturais. Por isso mesmo, no trecho citado - que pertence ao posfácio do romance nômade por excelência, *La Québécoise* - a definição da cultura como travessia sem visto nem passaporte sugere que a própria Robin se encontra na posição de desvio, de defasagem e de não coincidência em relação à sua origem. Além disso, seguindo a ótica de Robin, num mundo

sem fronteiras onde a origem é capaz de ser continuamente reelaborada e multiplicada, vistos e passaportes perderiam sua razão de ser.

No romance *Les lettres chinoises* de Ying Chen, autora chinesa que vive em Montreal - a metáfora do passaporte para designar a identidade em trânsito é muito explorada, ganhando conotações inesperadas. Antes de tudo, é preciso lembrar que a idéia da travessia de fronteiras aparece na própria forma epistolar adotada pela autora que nos mostra, através da circulação de cartas, as promessas e dificuldades do exílio vivenciado por personagens chineses afastados no espaço (dois estão em Montreal e se correspondem com a jovem Sassa que, em Xangai, hesita em partir para ir ao encontro do noivo instalado no cotidiano montrealense). Assim como as cartas, o passaporte indica, no romance, o prestígio e as ambigüidades das movências espaciais e culturais.

É no plano onírico - lugar propício para o florescimento de metáforas, graças às habituais transferências e condensações de sentido - que o passaporte adquire particular relevância no romance de Chen. Em uma de suas cartas à noiva, Yuan se refere a um tipo de pesadelo que o atormenta freqüentemente. Numa noite, sonha que seu passaporte tinha expirado, o que lhe causa a sensação do exilado clandestino, o desconforto de estar fora do seu lugar e a impossibilidade de se enraizar no país alheio (CHEN, 1993, p. 97). Coincidentemente, no dia posterior ao sonho de seu noivo, em Xangai, Sassa é informada, por um funcionário do serviço de emigração, que tinham perdido todo o dossier relativo à sua viagem para Montreal. Na verdade, ela não está convicta em partir, vivenciando o exílio e o estranhamento em sua própria cidade natal. Em um sonho em que se podem vislumbrar sinais de uma doença que se manifestará mais tarde, Sassa recebe de um desconhecido um envelope onde há um passaporte escrito em dezenas de línguas estrangeiras que ela precisaria aprender com urgência. Trata-se de um documento mais importante do que seu próprio corpo para atravessar as fronteiras - pensa a personagem (CHEN, 1993, p. 49). Um fato estranho ocorre no sonho: as últimas linhas do passaporte, desenhadas em

vermelho, desfazem-se, transformando-se em um espécie de água rubra como sangue que molha seus pés. Dando continuidade ao mesmo sonho, Sassa experimenta outro mal estar quando tenta vestir uma saia florida com a qual enxugara seus pés molhados de sangue. Para sua surpresa, a saia não lhe cabe e, num gesto de fúria, rasga-a em pedaços, na tentativa de colocá-la.

No exemplo citado, insinua-se outra associação metafórica presente no imaginário das migrações: a da roupa - identidade que não serve mais ou que não serve ainda, o que remete à incompatibilidade entre o ser migrante e a roupagem identitária de que se despojou ou que acaba de assumir. É o que se depreende no conto "Pur polyester" de Lori Saint-Martin que, inspirando-se na temática da "écriture du hors-lieu", retrata, sob a voz de uma narradora adolescente, a dificuldade de imigrantes espanhóis que deixaram seu país natal para tentar a vida em Paris e, posteriormente, em Montreal:

A Espanha é para eles a felicidade primeira, o país onde eles habitavam sua língua, onde não nadavam ainda no francês como crianças infelizes numa roupa que não é de seu tamanho (PORTO, 2000, p. 41).

Confirmando o que foi dito, a leitura do plano metafórico permite-nos reconhecer, em textos das migrações, a retomada, com variantes, de certos paralelismos. Se, no romance de Chen, o exemplo da saia apertada - que reforça as sugestões do passaporte desfeito no mesmo sonho - remete à etiqueta identitária impossível de ser assumida, na passagem do conto de Lori Saint-Martin trata-se da dificuldade de "vestir" a língua do Outro, vestimenta inadequada às medidas do corpo identitário dos imigrantes. Na literatura brasileira, um conto de Samuel Rawet, um precursor da "matéria de eleição de vários livros de Moacyr Scliar - a arribação da diáspora nas paragens do Sul do país" (GALVÃO, 1998, p. 22), retrata o desconforto corporal do imigrante que não se sente bem em sua nova pele. É o conto "A prece" em que uma imigrante,

vista como "a gringa" pela molecada que a atormenta no casarão onde moram famílias pobres, se vê "enfiada numa vida que nunca fora sua" (RAWET, 1972, p. 34).

Em um de seus livros, outro autor que teoriza sobre as migrações, Milan Kundera, tira partido das possibilidades de leitura da mesma metáfora. No romance *A ignorância*, o escritor retrata o encontro de um homem (Josef) e uma mulher (Irena) que se reencontram, por acaso, em seu retorno ao país natal, após vinte anos de exílio. Desabituada ao clima de Praga, diante do calor excessivo, Irena precisa comprar um vestido de verão numa loja. Tal ato, à primeira vista anódino, se reveste de outro sentido: ao se ver, com a roupa nova, diante do espelho, ela é possuída pela impressão de estranhamento em relação a si mesma. Assim, descobre que seu novo vestido, como uma camisa-de-força, a obriga a adotar uma identidade que não é a sua:

Aquela que via não era ela, era uma outra, ou, quando olhou mais demoradamente, era ela, mas vivendo outra vida, a vida que teria vivido se tivesse ficado no país. (KUNDERA, 2002, p. 29)

Por sua vez, Josef se espanta, ao constatar que as roupas que um dia tinham sido suas estavam no corpo dos outros. Assim, "tropeça o tempo todo nos restos de sua vida: ele vê sua calça, sua gravata, no corpo dos sobreviventes que, com muita naturalidade, os repartiram" (KUNDERA, 2002, p. 59). Tal constatação, sugerida a partir da mesma metáfora, o leva ao desconforto de se sentir cindido entre um eu que não lhe pertence mais (como suas roupas antigas, distribuídas entre parentes) e seu eu atual, dotado de uma consciência crítica apurada. Do mesmo modo, colocando-se do alto da janela de seu antigo quarto, o personagem "inspeciona demoradamente a praça lá embaixo como se procurasse as pegadas que quando jovem ele deixara na calçada ao passear por ali com seus colegas" (KUNDERA, 2002, p. 61-62). Mais uma vez, através da tentativa de "vestir" suas pegadas do passado, o personagem conhece a impossibilidade de resgatar sua identidade anterior. Por isso mesmo, ao se deparar com seu diário

de menino, experimenta a inquietante estranheza. Tenta "compreender o garoto virgem, colocar-se na pele dele, mas não consegue". Após arrancar uma folha em branco do diário, copia uma das frases ali escritas e, ao olhar demoradamente as duas caligrafias, embora observe diferenças, percebe que "as letras têm a mesma forma das de hoje". Pergunta-se, aborrecido: "Como é possível que dois seres tão estranhos, tão opostos, possam ter a mesma letra? Em que consiste essa essência comum que faz com que ele e aquele fedelho sejam a mesma pessoa?" (KUNDERA, 2002, p. 69)

Tal indagação coloca em relevo as ambigüidades do entre-dois conhecido de perto por seres migrantes, sempre marcados pela coexistência dilacerante da permanência e da transformação, ou - como sugeriu Stéphane Ferrat - pelas marcas de "continuants" e de "devenants" (FERRAT, 1998, p. 17). A partir da metáfora das embarcações queimadas, proposta, em nossa epígrafe, por Jacques Hassoun, e das associações metafóricas levantadas nestas breves reflexões, sobressai-se a impossibilidade do retorno, lida à luz do pensamento de Heráclito retomado por Stéphane Ferrat:

Como todos os corpos, o corpo humano é um corpo-rio, mais um *devenant* do que um *continuant*. (FERRAT, 1998, p. 85)

Deixando-nos levar pelo movimento do rio, podemos lembrar que é sobretudo a própria escrita (de obras migrantes ou não) que pode ser encarada como um devir permanente. Participando dos processos inacabados - como Babel, sob alguns aspectos - a escrita corresponde às construções em aberto. Além disso, traz com ela memórias dos livros já escritos (sugestão do palimpsesto) e anuncia as promessas da página em branco, promessas que se realizam no ato da leitura, também sempre inacabada, devir permanente. Por outro lado, conforme salientou Salman Rushdie, o livro é uma espécie de passaporte (RUSHDIE, 1993, p. 305), viabilizando trânsitos,

transferências e negociações identitárias entre o Mesmo e o Outro. No que concerne à escrita da memória de seres nômades, deve ser dito que as lembranças do país natal longínquo não podem ser contidas num baú onde permaneceriam intocadas como roupas ou objetos antigos que não caberiam mais em seus novos corpos. No livro *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, como se quisesse apoderar-se do tempo, a matriarca libanesa guarda, num baú, um relógio deitado, "tal um barco cravado e esquecido no fundo do oceano" (HATOUM, 1997, p. 54). Ora, parecendo levar em conta que os imaginários das migrações estão sempre em perpétuo devir (LATIF-GHATTAS, 1990, p. 8) e que "a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado" (HATOUM, 2000, p. 90), a mesma personagem, Émilie, mostra-se capaz de reelaborar seu romance memorial, acrescentando às lembranças do Líbano de outrora as experiências vividas no cotidiano de Manaus, construídas à beira do rio Amazonas, convite às movências e mutações.

Assim, textos de exílios e reterritorializações associados à contínua reinvenção da memória, a produção literária das migrações valoriza, em particular, metáforas referentes a práticas espaciais. Se memória e espaço caminham freqüentemente juntos a partir de paisagens afetivas privilegiadas, não é por acaso que obras migrantes se apóiam em dois eixos metafóricos, referentes a dois apelos maiores, inerentes a todo ser humano: o enraizamento e a errância. Mas tratar, de forma sistemática e aprofundada, das novas cartografias identitárias a partir desses dois pólos metafóricos já seria matéria para outras viagens, que nos convidam sempre para irmos além de..., levando-nos a experimentar o prazer nômade da experiência da leitura onde não deixamos nunca de nos enraizar.

Referências bibliográficas

- BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien I. Arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.
- CHEN, Ying. *Les lettres chinoises*. Montréal: Leméac, 1993.
- FERRAT, Stéphane. *L'identité*. Paris: Flammarion, 1998.
- GALVÃO, Walnice Nogueira Galvão. *Desconversa (ensaios críticos)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- HASSOUN, Jacques. *L'exil de la langue: fragments de langue maternelle*. Paris: Point Hors Ligne, 1993.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, mascates & doutores*. Cotia-São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- KUNDERA, Milan. *A ignorância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LATIF-GHATTAS, Mona. *Le double conte de l'exil*. Montréal: Boréal, 1990.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minoria e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.
- MAALOUF, Amin. *Les identités meurtrières*. Paris: Bernard Grasset, 1998.
- MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- PORTO, Maria Bernadette (org.). *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EDUFF/ABECAN, 2000.
- RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A.
- ROBIN, Régine. *La Québécoise*. Montréal: XYZ, 1993.
- _____. "Sortir de l'ethnicité". In: LACROIX, Jean-Michel, CACCIA, Fulvio. *Métamorphoses d'une utopie*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, Éditions Tryptique, 1992.
- RUSHDIE, Salman. *Patries imaginaires. Essais et critiques 1981/1991*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, 1993.